

Samuel Escobar, *Desafios da Igreja na América Latina: História, Estratégia e Teologia de Missões*, trad. Hans Udo Fuchs (Viçosa, MG: Editora Ultimato, 1997) 104 pp.

O peruano Samuel Escobar é um dos mais conhecidos e respeitados missiólogos evangélicos latino-americanos. Por causa de sua ênfase no conceito de "missão integral," ele e alguns colegas como René Padilla, Orlando Costas, Rolando Gutiérrez e Pedro Arana têm sido denominados "evangélicos radicais" (p. 90). Escobar foi um dos fundadores e presidentes da Fraternidade Teológica Latino-Americana e é atualmente professor titular de estudos missionários no Seminário Teológico Batista do Leste, em Filadélfia, Estados Unidos.

O livro, breve porém rico em sua argumentação, compõe-se de cinco ensaios escritos pelo autor entre 1988 e 1994 e apresentados em publicações e conferências. Os trabalhos tratam de algumas das principais questões missiológicas relacionadas com a América Latina e são uma boa síntese das convicções e propostas básicas do autor no que diz respeito à missão da igreja. Escobar esclarece no prefácio que os ensaios são um convite à reflexão: "Muito ativismo sem reflexão pode nos levar a cometer erros, a gastar mal os recursos, a edificar sobre a areia" (p. 9).

O **primeiro capítulo** trata do treinamento de missiólogos para o contexto latino-americano e foi inicialmente apresentado na Escola de Missões do Seminário Fuller, na Califórnia, em 1992. Após traçar uma distinção entre o missionário e o missiólogo (este reflete sobre a tarefa missionária de modo crítico e sistemático) e apontar que a reflexão missiológica não é mero exercício acadêmico, e sim parte da obediência missionária, Escobar arrola vários elementos da situação latino-americana que são relevantes na perspectiva missiológica atual: o catolicismo na defensiva, o crescimento do protestantismo popular, a maior visibilidade dos grupos marginalizados, a deterioração das condições sociais, o cristianismo nominal de grande parte da população, o dinamismo evangelístico das igrejas populares, e a consciência crescente da missão integral.

Quanto ao preparo dos missionários e missiólogos, Escobar argumenta que "nosso programa de treinamento na América Latina precisa ser elaborado com base em convicções bíblicas, experiência de vida, consciência histórica e preocupação pastoral" (p. 19). O treinamento para missões deve ter uma dimensão personalizada que dá ênfase ao estilo de vida do missionário. Deve haver uma relação estreita entre teologia e missões, à luz das realidades práticas e da fidelidade às Escrituras. O autor entende que há alguns aspectos da missiologia católica que podem ser úteis para os evangélicos, como o conceito de "evangelização de culturas," um novo estilo de vida que leva a uma identificação respeitosa com os pobres, e as lições positivas das missões do século XVI. Escobar conclui o ensaio chamando a atenção para a importância missiológica do protestantismo popular ou pentecostalismo, com sua ênfase na mobilização dos leigos, nas formas contextualizadas, no ministério do Espírito Santo e no conflito espiritual relacionado com missões.

No **segundo trabalho**, apresentado em Lima, Peru, por ocasião do aniversário da Reforma em 1994, Escobar aborda a Reforma Protestante e a visão hodierna da igreja. Ele chama a atenção para um "fator novo" na história do cristianismo que é a transferência do dinamismo missionário para o hemisfério sul (África, Ásia e América Latina) e mostra como autores católicos têm avaliado positivamente esse dinamismo das igrejas evangélicas. Embora Escobar relacione tal ímpeto com a prática do princípio do

sacerdócio universal dos crentes, ele acredita que os evangélicos latino-americanos estão muito mais próximos dos pietistas, morávios e avivalistas dos séculos XVIII e XIX do que dos reformadores do século XVI. A autor também destaca a ênfase que se tem dado na segunda metade do século XX ao papel essencial do Espírito Santo nas missões cristãs e a necessidade de abertura diante dessa realidade. Citando o evangélico Valdir Steuernagel (contribuições da prática missionária dos morávios) e o católico José Comblin, Escobar conclui que "os evangélicos latino-americanos necessitam de um impulso renovado do Espírito Santo e de uma leitura nova e contextual da Palavra de Deus" (p. 48).

No **terceiro ensaio**, "Católicos e evangélicos na América Latina diante do desafio missionário do século XXI," Escobar começa por apontar o grande número de missionários estrangeiros no continente, principalmente entre os católicos. Ele propõe-se a mostrar que a situação dos católicos e protestantes na América Latina não se explica somente por diferenças doutrinárias, mas também por práticas missionárias distintas, principalmente quanto ao propósito da ação missionária. Para os católicos, tal propósito é o estabelecimento da igreja institucional (ênfase eclesiológica); daí, a conseqüente incapacidade de converter as pessoas, debilidade que é apontada por observadores dos dois lados. Já o esforço missionário evangélico visa a conversão de indivíduos ao evangelho, com os riscos do excesso de individualismo, espírito de competição, falta de uma eclesiologia clara, e atitude sectária. Para superar esses óbices, ele propõe o modelo de missão integral, que vai além da experiência religiosa pessoal para incluir a comunidade e o mundo. Ele lembra que, por razões bem definidas, não somente a Igreja Católica mas também as igrejas evangélicas tradicionais estão perdendo membros para os novos movimentos cristãos.

O **quarto trabalho**, versando sobre as novas fronteiras de missões, foi escrito para o Terceiro Congresso Latino-Americano de Evangelização (CLADE III), realizado em Quito, Equador, em 1992. Desde os tempos do Novo Testamento, o caráter universal e missionário do cristianismo o tem levado a atravessar fronteiras, geográficas e outras. Escobar opina que hoje as principais fronteiras a serem transpostas são as de natureza cultural, social, do poder espiritual e religiosa. Isto envolve a necessidade de um constante processo de encarnação e contextualização que rejeita toda forma de etnocentrismo, racismo e imperialismo. Esse processo deve começar em nosso país e mesmo em nossa comunidade. Dois modelos missionários são enfatizados: cooperativo e migratório.

Outra necessidade é a de uma espiritualidade profunda aliada a uma preocupação igualmente intensa com as exigências éticas do evangelho. Quanto à transposição das barreiras religiosas, Escobar defende um maior conhecimento e respeito pelas grandes religiões e suas culturas, bem como a firme rejeição das ideologias e práticas mundanas do ocidente que ofendem outros povos (materialismo consumista, obsessão sexual, desintegração da família, etc.). Ele conclui apontando cinco prioridades na formação dos missionários: retorno aos modelos bíblicos, revisão dos modelos históricos de missões, uso criterioso das ciências sociais, aprendizado pela prática e disciplina espiritual.

O **último ensaio** intitula-se "O paradigma paulino de missões – um enfoque latino-americano," e foi inicialmente apresentado à Sociedade Missionária da Igreja da Inglaterra (Church Missionary Society), em 1988. Escobar observa que nas décadas de 1960 e 1970 a popularidade de Paulo decresceu por causa do seu suposto conservadorismo social e sua espiritualidade dualista, porém, mais recentemente, tem havido um novo interesse na prática e ensino missionário do apóstolo. Escobar analisa

Romanos 15:11-33 como um texto ilustrativo da metodologia de Paulo, por sua interação entre teoria (reflexão) e prática (ação missionária). O autor destaca quatro aspectos da missiologia paulina: proclamação (vv. 17-22: chamado claro ao arrependimento, fé e obediência), previsão (vv. 23-24: objetivos definidos), conclusão (vv. 25-29: reciprocidade e mutualidade), e luta (vv. 30-33: oração).

Em todo o livro, Escobar dirige críticas contundentes contra as igrejas, as sociedades e os modelos do hemisfério norte (pp. 18-19, 24, 29, 34, 52, 80-81), propondo que os cristãos latino-americanos definam os seus próprios caminhos e prioridades. Ele também é crítico dos exageros da "batalha espiritual" (p. 80), da teologia da prosperidade (p. 81) e do movimento do crescimento da igreja, que ele chama de "missiologia gerencial" (pp. 72, 79). Por outro lado, Escobar tem uma atitude bastante simpática para com a Igreja Católica e os movimentos pentecostais, procurando destacar suas contribuições positivas na área de missões. As igrejas protestantes históricas, todavia, são tratadas com certo descaso.

Há no livro uma ênfase justa, porém quase exclusiva, aos pobres e marginalizados, quando a numerosa classe média dos países latino-americanos também deveria ser um alvo importante do esforço missionário e da reflexão missiológica. O conceito crucial de "missão integral" é mencionado várias vezes apenas de passagem (pp. 18, 64, 73, 99). Seria oportuna uma exposição mais detalhada do que se entende por isso.

Finalmente, há uma lacuna no aspecto editorial. Na maior parte do livro as notas bibliográficas são fornecidas no final dos capítulos. Todavia, a partir da página 88 surgem vinte e quatro notas parentéticas (autor, ano e página), sem o fornecimento dos dados bibliográficos completos. Uma outra pequena inconsistência: o mesmo personagem é mencionado como Raimundo Lúlio na p. 82 e Ramón Lull na p. 94. Tais senões não desmerecem, obviamente, a grande utilidade dessa pequena obra.

— Alderi S. Matos